



Este texto está disponível no site *Shri Yoga Devi*, <http://www.yogadevi.org/>

A vida sagrada: os quatro estágios (*āśramas*) da vida dos *brāhmaṇas*

Roberto de A. Martins

INTRODUÇÃO

Este texto vai apresentar, de forma resumida, a concepção teórica sobre os quatro estágios de vida (*āśramas*) dos indivíduos de uma das castas tradicionais da Índia – a dos *brāhmaṇas* – de acordo, principalmente, com a descrição apresentada no *Código de Manu*.

Na Antigüidade, a Índia possuía um sistema social que previa a possibilidade de vários estágios na vida de um homem – etapas de tipos muito diferentes entre si. Esses estágios eram denominados *āśrama* – uma palavra que significava um lugar ou um período de tempo no qual se pratica um grande esforço, para cumprir uma tarefa sagrada. A descrição dos quatro estágios de vida – os quatro *āśramas* – permite obter uma boa visão sobre toda a concepção de vida humana difundida durante o período antigo, na Índia.

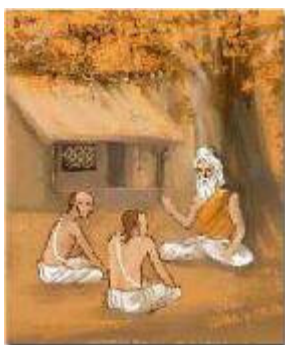
Para simplificar esta exposição, vamos nos concentrar no estudo de uma única das castas sociais indianas tradicionais: a classe dos *brāhmaṇas*. Essa classe representava o segmento da sociedade que era responsável pela prática e instrução religiosa. Seria, por assim dizer, a classe sacerdotal, embora seja melhor evitar esse nome, para não trazer à mente associações errôneas.

Vamos descrever aqui apenas a estrutura de vida que era prevista nos textos antigos, sem questionar se todos os *brāhmaṇas* seguiam ou não esse esquema teórico. Portanto, não haverá aqui a preocupação de descrever uma história social vivida, e sim de descrever uma teoria de vida, que pode ter correspondido à prática ou ter sido muito diferente dela, em cada período histórico.

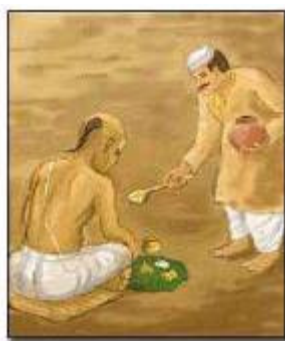
Uma última simplificação será a delimitação do período a ser descrito. A Índia, como qualquer outra nação ou região, sofreu muitas mudanças ao longo de sua história. O texto fundamental utilizado para a preparação deste trabalho foi o *Código de Manu* (*Mānava-Dharma-Śāstra*), cuja redação pode ser situada aproximadamente nos primeiros séculos antes ou depois da era cristã – entre 200 a.C. e 200 d.C. Alguns dos elementos contidos no *Código de Manu* podem ser encontrados em fontes muito mais antigas, como certas *upaniṣads*, nos *brāhmaṇas*, nas compilações (*saṁhitās*) dos *Vedas*, e também em outros textos aproximadamente do mesmo período do *Código de Manu*, como os *gṛhyasūtras*. Em alguns pontos, utilizaremos por isso algum material mais antigo, mas apenas com o fim de elucidar as idéias gerais contidas no *Código de Manu*. Aquilo que for contrário ao *Código de Manu*, em outras fontes, não será discutido aqui.

AS QUATRO ETAPAS

Primeiramente será apresentada uma visão geral dos quatro estágios, e depois serão discutidos alguns detalhes de cada um deles.



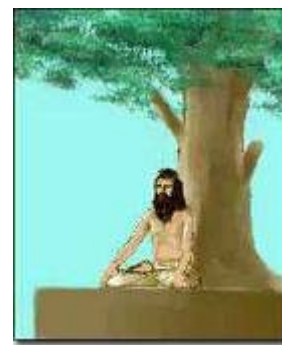
brahmacārī



gṛhastha



vānaprastha



saṁnyāsī

De acordo com a tradição indiana, uma criança, desde o nascimento até atingir uma idade de cerca de 7 anos, não pertencia ainda a qualquer das etapas de vida. Os textos não prescrevem como deve ser a vida de uma criança durante essa fase. Apenas indicam que ela deve ser submetida a uma série de rituais (*sarṁskāras*) à medida que passa por vários marcos de desenvolvimento: desde a concepção até o primeiro corte de cabelo, todos os momentos importantes da vida da criança exigem certos rituais que lhes dão um significado religioso e filosófico.

A primeira infância, talvez livre e despreocupada, em meio à família, deve terminar muito cedo. No caso dos *brāhmaṇas*, aos sete anos de idade deve ser iniciado o primeiro dos estágios de esforço intenso – o primeiro *āśrama*. Nessa idade ele deve iniciar a vida do estudante religioso (*brahmacārī*), uma etapa que deve durar até que ele se torne adulto.

A tradução literal de *brahmacarya* é “estar sob a orientação de *Brahman*”, ou seja, receber ensinamentos religiosos. Nessa etapa a criança (e, posteriormente, o adolescente) deve dedicar-se ao estudo da revelação e da tradição dos *Vedas* (*śruti* e *smṛti*) sob a direção de um mestre (*ācārya*). Para isso, ele deixará sua família, sendo entregue a um outro *brāhmaṇa*, em cuja casa passará a residir durante todo esse tempo.

Após aprender uma parcela considerada suficiente da tradição dos *Vedas*, o que exigiria cerca de 12 anos de estudos, o jovem termina essa primeira etapa e retorna à casa da família. Agora, ele passa algum tempo em um estágio intermediário, que deve ser curto, durante o qual ele deve se preparar para o casamento. Normalmente, o casamento será arranjado pela família, sem a participação do jovem. Quando tudo corre adequadamente, o jovem deve se casar com uma noiva da mesma casta, ou seja, uma *brāhmanī*. A partir de seu casamento, o homem começa seu segundo estágio de esforço intenso – o segundo *āśrama* – no qual ele é um chefe de família (*gṛhastha*). Agora ele pode e deve realizar uma série de rituais domésticos, alguns dos quais são diários, outros mais esparsos, e tem regras de vida bem definidas, diferentes das que seguia na vida do estudante religioso.

O *gṛhastha* tem grandes responsabilidades sociais. Deve cumprir seu papel de sacerdote, no lugar onde vive; deve ter filhos; deve cuidar da esposa, dos filhos e de outros dependentes; deve continuar a estudar os textos sagrados, permanentemente, todos os dias; e deve educar discípulos (*brahmacārīs*) que lhe sejam confiados por outros pais de família.

Para muitos *brāhmaṇas*, esse será o último estágio de vida, que durará até sua morte. Mas, ao envelhecer, o *brāhmaṇa* pode escolher entre algumas opções: ou continuar a viver com sua família (seja como um patriarca ativo, seja como uma pessoa “aposentada”, sendo sustentado pelos filhos), ou pode deixar a família e viver na floresta, dedicando-se apenas à sua evolução espiritual. Se ele optar por essa vida na floresta, ingressar á no terceiro estágio de esforço intenso – o terceiro *āśrama*. Ele deixará de ser um *gṛhastha* (um chefe de família) para tornar-se um eremita das florestas (*vānaprastha*).

Ao partir para a floresta, o *brāhmaṇa* se desprende de seus deveres sociais. Ele já não poderá responsabilizar-se por outras pessoas. Ele já não tem mais família – embora a esposa, se estiver viva, possa acompanhá-lo. Agora, inicia-se uma vida de ascetismo, de doloroso contato direto com a

natureza, de isolamento social e de muito estudo, meditação e esforço em direção à compreensão do Absoluto.

Os textos não prevêm a possibilidade de retorno dessa etapa: ou o *vanaprastha* morre, ou ele vence essa prova; não há como retornar à sua vida de família.

Se conseguir ultrapassar a fase de eremita da floresta, o *brāhmaṇa*, que agora será uma pessoa com uma consciência diferente da anterior, poderá retornar ao meio dos homens. Mas isso não é uma volta à vida anterior. Ele agora será um *saṁnyāsī*, um renunciante, uma pessoa que abandonou tudo, e que vagará pelas estradas e povoados, parando pouco tempo em cada lugar, vivendo como mendigo, até sua morte. Essa é a quarta e última etapa.

O KARMA E AS ETAPAS DE VIDA

A estrutura dos *āśramas* pode ser compreendida, em primeiro lugar, a partir da doutrina do *karma*. Segundo o *Código de Manu*, “todo ato do pensamento, da palavra ou do corpo, traz um fruto bom ou mau; das ações dos homens resultam suas diferentes condições” (*Mānava-Dharma-Śāstra* XII.3). De acordo com as suas ações boas ou más, a pessoa, ao morrer, passaria por sofrimentos intensos ou grandes prazeres (*idem*, XII.16-21). Após esgotar aquilo que acumulou, a pessoa renasce (*idem*, XII.22-23) e seu renascimento depende de sua disposição na vida anterior (*idem*, XII.39-50; 53-80). A pessoa pode renascer como um homem, mas pode também retornar como um animal, ou mesmo como um *deva* – um ser divino.



As boas ações produzem bons resultados, e as más ações, resultados desagradáveis; mas todas elas acarretam sucessivos renascimentos da pessoa. No pensamento indiano, a teoria do *karma* não leva simplesmente a um moralismo do tipo: “seja bom e terá sua recompensa”. Não. Uma seqüência infinita de renascimento, por melhores que sejam eles, não constitui uma visão reconfortante, para o espírito indiano. É bom praticar boas ações e desfrutar de seus efeitos; mas melhor ainda é escapar à roda de renascimentos e atingir Aquilo de onde não se retorna mais. O objetivo mais elevado é fundir-se com *Brahman*, o Absoluto. E o caminho para isso é o da sabedoria, e não o da ação:

Eu vos revelei tudo sobre a retribuição devida às ações; conheci agora os atos de um *brāhmaṇa* que podem levar à libertação (*nihśreyasa*). Estudar e compreender os *Vedas*, praticar austeridades, adquirir sabedoria, dominar os órgãos dos sentidos, não fazer mal e honrar o seu

mestre espiritual, são os principais atos que conduzem à libertação. [...] De todos esses deveres, o principal é adquirir o conhecimento do *ātman* supremo. Essa é a primeira de todas as sabedorias, por ela se adquire a imortalidade. (*Mānava-Dharma-Śāstra* XII.82-85).

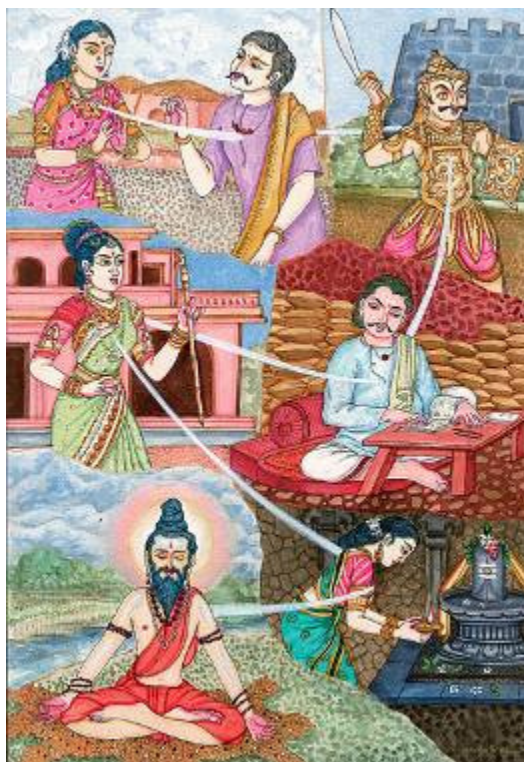
Embora a sabedoria seja o caminho principal, isso não impede a realização de ações, desde que elas sejam realizadas numa atitude especial:

A ação prescrita pelos textos sagrados é de dois tipos: um, ligado a este mundo, e que traz prazeres; outro, desligado, e que conduz à felicidade suprema. Um ato prescrito pela lei, proveniente da esperança de obter uma vantagem neste mundo, ou na outra vida, é considerado ligado [ao mundo]; mas aquele que é desinteressado e dirigido pela sabedoria é considerado desligado. O homem que realiza os atos prescritos pela lei, atinge o nível dos *devas*; mas aquele que realiza com freqüência os atos desinteressadamente, desprende-se para sempre dos cinco elementos. (*Mānava-Dharma-Śāstra* XII.88-90)



Conhecendo essa doutrina, o *brāhmaṇa* poderia ser tentado a desligar-se da ação e dedicar-se apenas à busca da sabedoria, para atingir o mais depressa possível sua libertação espiritual. Se isso acontecesse, no entanto, toda a estrutura social seria rompida, e não é o que o *Código de Manu* aconselha. Para refrear o individualismo da busca pela libertação, o *Código* expõe a doutrina das dívidas do homem, que também pode ser encontrada em textos mais antigos, como o *Śatapatha-Brāhmaṇa*:

Realmente, ao nascer, todos principiam com uma dívida para com os seres divinos (*devas*), os videntes (*ṛṣis*), os antepassados (*pitṛs*) e os homens. Por isto estão obrigados ao sacrifício, por esta razão: eles nasceram com uma dívida para com os *devas*. Por isso, quando ele sacrifica, quando faz oferecimentos, ele faz isso para eles. Além disso, ele está obrigado ao estudo, por esta razão: ele nasceu com uma dívida para com os *ṛṣis*. Portanto, é para eles que ele estuda; pois aquele que estudou é chamado de “guardião dos tesouros dos *ṛṣis*”. Além disso, ele está obrigado a desejar descendentes, por esta razão: ele nasceu com uma dívida para com os *pitṛs*. Portanto, quando existe uma linhagem contínua, ininterrupta, é para eles que ele faz isso. Além disso, ele está obrigado a praticar hospitalidade, por esta razão: ele nasceu com uma dívida para com os homens. Portanto, quando ele homenageia e oferece alimentos, é para eles que ele faz isso. Quem faz todas essas coisas, livrou-se de seus deveres; tudo é obtido e conquistado por ele. (*Śatapatha-Brāhmaṇa* I.7.2.1-5)



O *Código de Manu* tem uma descrição semelhante, mas omite a dívida para com os homens e refere-se apenas às outras três (*Mānava-Dharma-Śāstra* IV.257). A idéia básica é a mesma: o indivíduo deve sua vida aos antepassados, deve o universo aos *devas*, e deve a sabedoria aos videntes que a revelaram. Ele deve retribuir por isso, deve pagar suas dívidas, antes de se libertar do ciclo de renascimentos:

Após haver pago as três dívidas, que ele dirija seu espírito para a libertação (*mokṣa*). Mas aquele que, antes de haver pago essas dívidas, deseja a libertação, ele se precipita nos abismos infernais. Após haver estudado os *Vedas* da forma prescrita pela lei, após haver gerado filhos de acordo com a lei, e oferecido tantos sacrifícios quanto lhe foi possível, ele pode então pensar apenas na libertação final. Mas o *brāhmaṇa* que, sem haver estudado os *Vedas*, sem haver gerado filhos e realizado sacrifícios, deseja a libertação, vai para os abismos infernais. (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.35-37)

O pagamento das dívidas exige o estágio de chefe de família (*gṛhastha*), pois é neste estágio que se realizam sacrifícios, gera-se e educa-se filhos, e completa-se o estudo dos *Vedas*. Sob o ponto de vista social, é o chefe de família quem mantém a estrutura das quatro etapas, pois é ele quem sustenta as pessoas que estão nos outros três estágios. Por isso, Manu enfatiza o valor desse estágio:

O estudante religioso, o chefe de família, o eremita da floresta e o que renunciou a tudo formam quatro ordens distintas, que se originam no chefe de família. O *brāhmaṇa* que entra sucessivamente em todas essas ordens, de acordo com a lei, e que se conduz da maneira prescrita, atinge a condição suprema. Mas entre os membros dessas ordens, o chefe de família que observa os preceitos da *śruti* e da *smṛti* é reconhecido como o principal, pois é ele quem sustenta os outros três. (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.87-89)

A rigor, em qualquer um dos quatro estágios, o *brāhmaṇa* pode atingir a libertação. Pois em cada um deles, pode adquirir sabedoria e ode realizar desinteressadamente o dever prescrito pela lei (*dharma*). As diferenças são mais práticas do que teóricas. O estudante religioso pode atingir a libertação, em seu estágio, se adquirir sabedoria e se seguir corretamente a orientação de seu mestre; o chefe de família pode atingir a libertação, em seu estágio, se adquirir sabedoria e cumprir corretamente o seu dever, de sustentar o equilíbrio da sociedade e do universo; o eremita da floresta

pode atingir a libertação, em seu estágio, se adquirir sabedoria e cumprir corretamente seu dever de se entregar à natureza que o envolve; e aquele que renunciou a tudo pode atingir a libertação, se adquirir sabedoria e mover-se constantemente, sem prender-se a coisa alguma. Qualquer um dos estágios é suficiente para a libertação, pois cada um deles é estruturado de tal forma a centralizar a atenção do *brāhmaṇa* de diferentes modos, em um profundo envolvimento com o Absoluto. Mas, para compreender isso, é necessário estudar mais detalhadamente cada um dos estágios.



O ESTUDANTE RELIGIOSO – BRAHMACĀRI

A etapa de *brahmacārya* começa pela iniciação (*upanayana*), que normalmente deve ser realizada aos oitos anos após a concepção para os *brāhmaṇas*, mas que pode ser realizada do quinto ano até a idade de 16 anos, no máximo (*Mānava-Dharma-Śāstra* II.36-38). Ao ser iniciado, o *brāhmaṇa* passa a utilizar uma vestimenta especial que o distingue: uma veste tecida com cânhamo, um manto de antílope negro, um cinto de erva *munja*, um cordão sagrado (*upaviti*) de algodão, um bastão de *bilva* ou de *palāsa*, de sua própria altura (*idem*, II.41-47). O cordão sagrado, que ele deve usar a partir desse momento, é o símbolo daqueles que renasceram (*dvijas*).

A partir de sua iniciação, o menino pode participar das cerimônias dos *Vedas*, pode recitar as orações, pode estudar os textos sagrados. Ele passa a viver na casa do seu mestre (*ācārya*), na companhia da família do mestre e dos outros discípulos. Mas o mestre não o alimenta: ele deve, diariamente, mendigar seu alimento (*idem*, II.48). Para tornar mais fácil essa tarefa, o *Código de Manu* esclarece que ele deve solicitar alimentos primeiramente à sua mãe, tia, ou outra mulher que não lhe negue a alimentação (*idem*, II.50). Após mostrar o alimento recebido ao mestre (*idem*, II.51) e receber sua autorização, o menino pode comer. Mas há regras estritas a respeito da alimentação. Ele não pode comer muito (*idem*, II.56-57) e deve abster-se de mel, carne, sucos de vegetais e substâncias ácidas (*idem*, II.177).

Toda a vida do *brahmacārī* é submetida a regras rígidas. O mestre ensina, depois da iniciação, as regras de pureza, os bons costumes, a manutenção do fogo sagrado e os deveres da manhã, meio-dia e entardecer (*sandhyā*), estabelecendo as normas de *brahmacārya* (*idem*, II.69). Ele não pode se enfeitar com guirlandas, nem usar perfumes, colírio ou óleos; não pode usar sandálias – ou seja, deve andar

descalço; não pode cobrir a cabeça (*idem*, II.177-178). Deve abster-se de cantos, música, dança, jogos; não pode ter qualquer contato ou desejo sensual; deve deixar de mentir, de discutir, de criticar, de fingir, de prejudicar outras pessoas ou qualquer ser vivo (*idem*, II.178-179).



Todos os dias, antes do nascer do Sol, ele deve trazer para o seu mestre todo material necessário para os rituais diários: água, flores, excrementos de vaca, terra, erva *kuṣa* e lenha para o fogo (*idem*, II.182, 186). Ao nascer e ao por do Sol ele deve recitar a prece denominada *sāvitrī* ou *gayatrī* e, caso esteja adormecido em um desses horários, deve como penitência jejuar um dia inteiro (*idem*, II.220-222; II.101). O *brahmacārī* deve dormir em um leito baixo, ou sobre o chão (*idem*, II.108). Toda a vida do estudante religioso é extremamente dura, exigindo-se dele a não-violência e a humildade completa (*idem*, II.161-162).

O mestre (*ācārya*) que inicia e instrui o jovem *brāhmaṇa* é considerado seu pai espiritual (*Mānava-Dharma-Śāstra* II.140-153; II.170-171) pois a iniciação é o segundo nascimento do *brāhmaṇa* (*idem*, II.169-173). Por isso, a partir do *upanayana*, a pessoa é chamada *dvija*, ou seja, “a que nasceu duas vezes”. Assim sendo, o discípulo deve honrar constantemente o mestre, tratá-lo todo o tempo com especial deferência (*idem*, II.198-201), o que se traduz, por exemplo, em ações externas: ao iniciar ou terminar a recitação de algum trecho dos *Vedas*, o discípulo deve tocar com as mãos os pés do mestre (*idem*, II.71-73).

Desde que o discípulo se mostre digno, mantendo-se puro e dominando seus órgãos (*idem*, II.114), o mestre lhe ensinará aquilo que ele deve aprender: os *Vedas* (ou, pelo menos, um dos ramos dos *Vedas* – ver *Mānava-Dharma-Śāstra* III.2), os rituais, as leis e todos os conhecimentos acessórios que um sacerdote deve conhecer. Quando não está fazendo algo indicado pelo mestre, o *brahmacārī* dedica-se ao estudo desses conhecimentos, até dominá-los completamente. Isso pode demorar 36 anos, ou 18 anos, ou 9 anos, segundo a tradição (*idem*, III.1). No entanto, ele pode também escolher passar o resto de sua vida nesse estágio (*idem*, II.242-249), vivendo com seu mestre, sem se casar.

Tudo isso pode parecer exagerado, excessivamente difícil, deprimente, e dar a impressão de que se abusa da boa-vontade das crianças e dos adolescentes, obrigando-os a uma vida de sacrifícios e humilhando-os diariamente. No entanto, em vez de ser abusado e desprezado, o *brahmacārī* é

glorificado, pela tradição dos *Vedas*. Pede-se dele um enorme esforço; mas dá-se o devido valor a essa dedicação.

No *upanayana*, por exemplo, pode-se observar essa valorização do *brahmacārī*. O mestre lhe diz, ao iniciá-lo:

Deixa para trás o que é humano, escolhe e segue a palavra sagrada, e juntamente com todos os teus companheiros, dedica-te a desenvolver e guiar os homens. (*Atharva-Veda* VII.105)

Toda a cerimônia de iniciação, descrita detalhadamente nos *gr̥hya-sūtras*, é repleta de elementos simbólicos que indicam que o menino não está simplesmente sendo colocado sob o domínio de um mestre humano, mas está sendo introduzido em um mundo sobrenatural, sagrado, e entregue à orientação dos próprios seres divinos (*devas*) que são invocados na cerimônia. Por exemplo: quando o mestre segura a mão do discípulo, durante a iniciação, ele diz:

Bhaga tomou tua mão;
Savitar tomou tua mão;
Pushan tomou tua mão;
Aryaman tomou tua mão;
Tu és *Mitra*, pela Lei;
Agni é teu mestre,
E também eu, ó fulano! [diz o nome do discípulo]
Indra, eu te entrego esse estudante.
Agni, eu te entrego esse estudante.
Surya, eu te entrego esse estudante.
Todos os *Devas*, eu entrego esse estudante,
Para uma vida de longa duração,
Para uma descendência abençoada, para vigor,
Para o domínio de todos os *Vedas*,
Para um bom nome, para a felicidade. (*Śāṅkhāyana-Gr̥hya-Sūtra* II.3.1)



Cada um dos objetos entregues pelo mestre ao discípulo durante a iniciação tem igualmente um significado simbólico sagrado. A cinta (*mekhalā*), que simboliza o auto-controle e caracteriza o *brahmacārī*, é um exemplo. Ao colocá-la nele, o mestre diz:

Ela aqui veio, protegendo-nos da maldição, purificando nossa pele, envolta em força, graças ao poder da inalação e da exalação, a cinta sagrada, a deusa amiga. (*Śāṅkhāyana-Gṛhya-Sūtra* II.2.1)



Há um hino do *Atharva-Veda* que glorifica a cinta do *brahmacārī* e que diz:

Nós viajamos dirigidos pelo *deva*,
 Ele nos salvará e nos libertará;
 O *deva* que nos envolveu com a cinta,
 Ele que a atou, e nos preparou. [...]
 Ela é filha da fidelidade, nascida do esforço ascético,
 Ela é a irmã dos videntes (*ṛṣis*) que moldaram o mundo.
 Cinta! Dai-nos pensamento e sabedoria,
 Dai-nos esforço ascético e vigor de espírito. [...]
 Vós, a quem os antigos *ṛṣis*,
 Que formaram os mundos, ataram à sua volta,
 Envolvei-me também, ó cinta,
 Para que eu possa viver a extensão de minha vida. (*Atharva-Veda* VI.133)

Poderíamos apresentar muitos outros exemplos semelhantes; mas esses devem bastar para mostrar que, longe de ser considerado como estando em uma posição inferior, o *brahmacārī* é enaltecido, entregue ao cuidado dos *devas*, e dotado de objetos sagrados, de poder sobrenatural. A etapa de *brahmacārya* é dura, para uma criança; mas ela é, por outro lado, uma etapa especialmente importante e sagrada de sua vida.

O CHEFE DE FAMÍLIA – GRHASTHA

Como já foi dito, o *brahmacārī* pode optar, em casos especiais, por viver toda a sua vida nesse estilo de vida, morando com seu mestre, ou com o filho dele, após a morte do mestre. A norma, no entanto, era de que após um aprendizado suficientemente profundo da sabedoria dos *Vedas* e da tradição, ele deveria deixar o seu mestre. Nesse momento, o *brāhmaṇa* passa por um banho ritual (*samnāvartana*) que representa o fim do estágio de *brahmacārya* (*Mānava-Dharma-Śāstra* II.245). Após esse banho ritual ele raspa todo o seu corpo, passa óleo perfumado, veste-se com roupas novas, enfeita-se com flores, calça sandálias ou sapatos, coloca jóias, brincos, unta os olhos, troca seu bastão anterior por um de bambu, coloca um turbante e toma um guarda-sol. Assim, externamente, ele faz tudo o que um *brahmacārī* não pode fazer (*Śāṅkhāyana-Gṛhya-Sūtra* III.1; *Āśvalāyana-Gṛhya-Sūtra* III.8). Ele presenteia o mestre com uma vaca ou outro presente, e retorna à casa da família.



Durante o período entre o banho ritual e seu casamento, o jovem é chamado *snātaka* (“aquele que se banhou”). Como as crianças antes da iniciação, ele não pertence a nenhum *āśrama*. Mas logo que seja possível, ele deve se casar com uma esposa que será, preferivelmente, de sua própria casta (*Mānava-Dharma-Śāstra* II.4,12). Há uma série de regras para a escolha de uma noiva (*idem*, III.5-11), devendo-se evitar, por exemplo, mulheres ruivas, ou com os olhos vermelhos, ou que falam demais (*idem*, III.8). Os sinais positivos são estes:

Que ele tome uma mulher bem constituída, cujo nome seja agradável, que tenha o caminhar gracioso de um cisne ou de um pequeno elefante, cujo corpo seja revestido por uma ligeira pelagem, cujos cabelos sejam finos, os dentes pequenos, e os membros de uma doçura encantadora. (*Mānava-Dharma-Śāstra* III.10)

O casamento é uma longa cerimônia, que exige um extenso ritual preparatório, e mesmo depois do casamento propriamente dito há ainda muitos outros rituais – desde a viagem para a casa do marido, até as normas exigidas nas primeiras noites, tudo é previsto pelos textos (*Śankhāyana-Gṛhya-Sūtra* I.5-19; *Āśvalāyana-Gṛhya-Sūtra* I.5-7; *Gobhila-Gṛhya-Sūtra* II.1-5). A estrutura dessa cerimônia, de grande beleza, é talvez a maior evidência do valor que o casamento possuía na tradição dos *Vedas*. Apenas para dar um exemplo de um trecho (*Śankhāyana-Gṛhya-Sūtra* I.13), quando a noiva está assentada, voltada para leste, o noivo de pé, à sua frente, toma sua mão direita e diz:

Eu tomo tua mão para que sejamos felizes, e para que tu envelheças comigo, teu esposo. Bhaga, Savitar, Aryaman e a Abundância te entregaram a mim, para que dirijas nosso lar. (*Rg-Veda* X.85.36)

E, mais adiante:

Aquilo que tu és, eu sou.
 Aquilo que eu sou, tu és.
 Eu sou o Céu, tu és a Terra;
 Eu sou o hino (*ṛk*), tu és o cântico (*sāman*).
 Sê-me fiel.
 Casemo-nos aqui!
 Tenhamos descendentes!

Que possamos viver cem outonos,
Amando, luminosos, com a mente feliz! (*Śankhāyana-Gr̥hya-Sūtra* I.7.6)

Enquanto era um *brahmacārī*, o jovem realizava os rituais no fogo do seu mestre. No dia do casamento, o marido deve instalar, pela primeira vez, o seu próprio fogo sagrado, que deverá ser mantido aceso constantemente, até a morte de um dos cônjuges. Somente a partir de seu casamento o *brāhmaṇa* se torna efetivamente um sacerdote e pode realizar os rituais que aprendeu em seu período de *brahmacārya*. Além disso, o mesmo fogo servirá também para cozinhar os alimentos (*Mānava-Dharma-Śāstra* III.67).

Diariamente, o *brāhmaṇa* casado deve despertar no horário consagrado a *Brāhmī*, ou seja, nas três horas antes do nascer do Sol:

Que o *gr̥hastha* desperte no tempo consagrado a *Brāhmī*; que ele reflita sobre a virtude e sobre as vantagens honestas, sobre os sacrifícios que a correção exige, e sobre a essência e o significado dos *Vedas*. Após se levantar, tendo satisfeito as necessidades corporais, e após se purificar, ele deve concentrar sua atenção e manter-se de pé um longo tempo, durante o crepúsculo matinal [recitando o *sāvitrī*] (*Mānava-Dharma-Śāstra* IV.92-93; cf. *idem*, IV.147)

O *gr̥hastha* deve recitar certas orações (*Śankhāyana-Gr̥hya-Sūtra* I.4; *Mānava-Dharma-Śāstra* IV.152) e depois estudar os *Vedas* ou seus apêndices – os *Vedāngas* (*Mānava-Dharma-Śāstra* IV.19 ; IV.125 ; IV.98), a não ser em certas épocas ou ocasiões em que a leitura e o estudo dos *Vedas* são proibidos (*idem*, IV.97, 101-124, 126-127).



Após o estudo, o *brāhmaṇa* “deve fazer todo o possível para não omitir os cinco grandes sacrifícios, dedicados aos videntes (*ṛṣis*), aos seres divinos (*devas*), aos seres vivos, aos homens e aos antepassados” (*idem*, IV.21; III.68-69).

O sacrifício aos *ṛṣis* é o estudo e o ensino dos *Vedas*. O sacrifício aos *devas* é o oferecimento de manteiga clarificada (*ghī*) e de alimentos no fogo sagrado (*Agni*). O sacrifício aos seres vivos é a oferta de arroz e outros alimentos às pessoas, animais e plantas. O sacrifício aos homens é o cumprimento do dever de hospitalidade. E o sacrifício aos antepassados é a libação de água (*idem*, III.70-74; 80-81). De certa forma, pode-se dizer que o chefe de família é responsável por todos os seres do universo, e ele deve cumprir essas obrigações logo pela manhã.

Que o *gṛhastha* seja sempre correto ao ler os *śāstras* e ao fazer a oferenda aos *devas*; pois se ele realiza essa oferenda de forma correta, ele sustenta este mundo, com todos os seres móveis e imóveis que ele contém. [...] Assim como todos os seres animados não vivem sem o auxílio do ar, da mesma forma as outras ordens não vivem sem o auxílio do chefe de família. (*Mānava-Dharma-Śāstra* III.74, 76)

Já tendo realizado seus estudos diários, o *brāhmaṇa* cozinha arroz e outros grãos, e oferece a todos os *devas* (*Śankhāyana-Gṛhya-Sūtra* I.3.8-17; II.14.1-17; *Mānava-Dharma-Śāstra* III.84-90). Depois, ele derramará alimentos, na direção Sul, para os antepassados, e dará comida às pessoas que deve alimentar: um *brāhmaṇa*, seus estudantes religiosos, renunciantes, hóspedes, familiares, servidores, e por fim ele e sua esposa podem se alimentar (*Śankhāyana-Gṛhya-Sūtra* II.14.18-26; *Mānava-Dharma-Śāstra* III.91, 94, 106, 114-118). Ele deve também atirar alimentos ao chão para os cachorros, pássaros, outros animais, e para homens degradados (*Mānava-Dharma-Śāstra* III.92). Deve repetir à noite essas oferendas (*idem*, III.121). Além de rituais diários, como estes, há outros rituais periódicos que o chefe de família deve realizar sempre.

Durante o dia, o *gṛhastha* poderá ter várias atividades. Segundo o *Código de Manu*, o *brāhmaṇa* mais meritório é aquele cuja única ocupação é o ensino dos livros sagrados (*idem*, IV.8-9); nesse caso, sua subsistência será proporcionada pelos discípulos, que mendigam o alimento, e por presentes recebidos das famílias dos discípulos; ele pode, além de ensinar, realizar rituais (*yajña*) para outras pessoas, e delas receber presentes; pode, além dessas duas atividades, mendigar sua própria comida; e, por fim, no caso de um chefe de família do qual dependam muitas pessoas, pode dedicar-se à agricultura, ao comércio e outras atividades típicas das outras classes sociais (*idem*, IV.2-9), desde que não se torne um empregado ou servidor de outra pessoa, e desde que seu meio de vida não prejudique outros seres vivos nem viole a lei moral. Apesar dessa possibilidade, vários textos enfatizam que o papel fundamental do *brāhmaṇa*, para o qual ele nasceu, é “o estudo e o ensino, a realização de rituais, a direção de rituais oferecidos por outros, o direito de dar e receber” (*Mānava-Dharma-Śāstra* I.88). É em torno dessas atividades que o *gṛhastha* deve organizar a sua vida.

Em uma sociedade que seguisse o *Código de Manu*, os *brāhmaṇas* não passariam dificuldades materiais, pelo grande número de ocasiões em que eles deviam ser requisitados pelas pessoas das outras classes, para participar ou dirigir muitos tipos de cerimônias. Nessas ocasiões, embora não pudessem cobrar pelos seus serviços sagrados, eles recebiam alimentos e presentes, e poderiam provavelmente ter uma vida digna, sem precisar recorrer a outros modos de subsistência.

O ASCETA DA FLORESTA – VĀNAPRASTHA

Ao atingir a velhice, o *gṛhastha* que tenha se desinteressado pelos afazeres do mundo tem várias opções. Ele pode continuar vivendo em sua própria casa, mas abandonar o trabalho, manter-se isolado em um canto, dedicando-se assim unicamente à sua libertação espiritual (*Mānava-Dharma-Śāstra* IV.257-260). Pode, em vez disso, partir para a floresta e tornar-se um eremita ou *vānaprastha*; ou pode passar diretamente ao estágio daquele que renunciou a tudo, o *saṁnyāsī* (*idem*, VI.35-41).

Em todos esses casos, a saída do estágio de *gṛhastha* só pode ser realizada depois que o *brāhmaṇa* pagou três de suas dívidas: para com os *ṛsis* (estudando os *Vedas*); para com os *devas* (realizando rituais); e para com os antepassados (*pitṚs*), gerando e cuidado de seus filhos, até que eles se casem (*Mānava-Dharma-Śāstra* IV.257; VI.35-37).

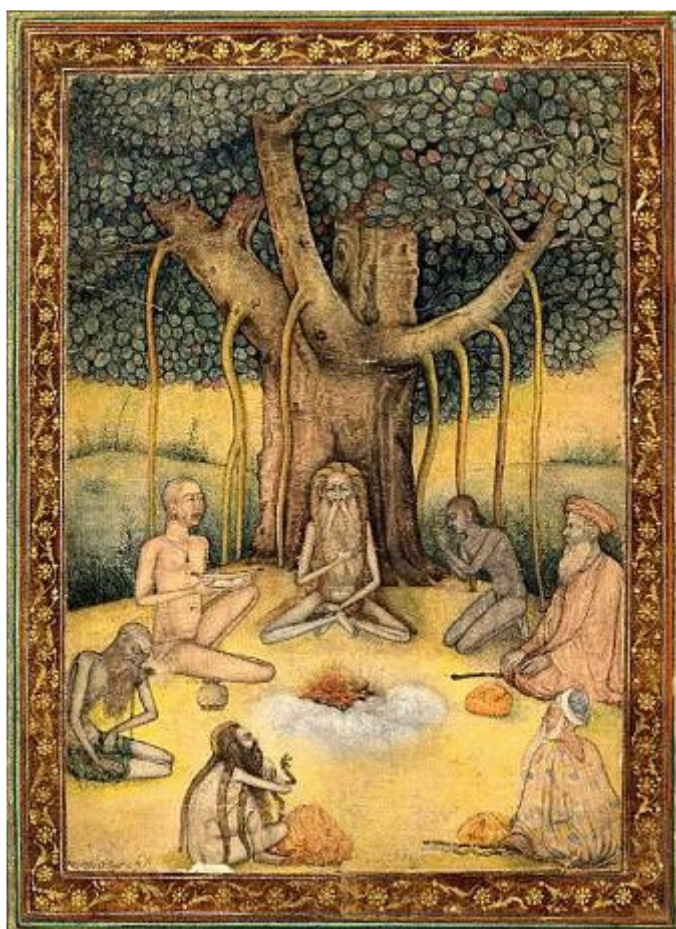
De acordo com os textos, a atitude mais recomendada era a passagem do estágio de *gṛhastha* para o de eremita da floresta (*vānaprastha*). Segundo o *Código de Manu*,

O *dvija* que terminou seu estudo, e que permaneceu no estágio dos chefes de família, de acordo com a Lei, deve em seguida viver na floresta, munido de uma firme resolução, e perfeitamente mestre de seus órgãos. Quando um chefe de família vê sua pele se enrugando e seus cabelos se tornarem brancos, e quando ele viu o filho de seu filho, que ele então se retire para uma floresta. Renunciando aos alimentos que se comem nas vilas, e a tudo o que possui, entregando

sua esposa ao cuidado de seus filhos, que ele parta sozinho, ou então que ele leve consigo sua esposa. (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.1-3)

Na fase de eremita da floresta, o *brāhmaṇa* tem inicialmente a obrigação de continuar a realizar os cinco grandes rituais diários e as outras oferendas aos *devas* (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.5,7-12), e por isso ele mantém aceso o fogo sagrado do sacrifício e leva para a floresta os utensílios empregados nos rituais (*idem*, VI.4). No entanto, ele deixa de realizar os sacrifícios mensais dedicados aos antepassados, pois desligou-se da sua família, saiu do ciclo familiar. Ele continua a estudar os textos sagrados e a honrar eventuais hóspedes que o visitam. Mas sua vida é extremamente dura. Ele vive em uma pequena cabana, come apenas grãos, raízes e frutos silvestres (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.5, 11, 13). Não pode em hipótese alguma alimentar-se daquilo que cresça em uma lavoura, mesmo se o campo tiver sido abandonado pelo seu proprietário (*idem*, VI.16), mesmo se estiver atormentado pela fome. Ele não pode se alimentar de mel, carne, cogumelos e certas plantas (*idem*, VI.14). Ele se veste com uma pele de gazela, ou com cascas de árvore; deixa crescerem o cabelo, a barba e as unhas (*idem*, VI.6). Deve se dedicar ao estudo contínuo da sabedoria dos textos sagrados, em particular os *Vedas* e as *upaniṣads* (*idem*, VI.8, 29). Não pode receber presente algum, embora deva dar alimentos a todos os seres (*idem*, VI.8).

O controle da alimentação e o jejum constituem a principal prática ascética do *vānaprastha*. Ele pode se alimentar seja duas vezes por dia (pela manhã e à noite, depois de oferecer os alimentos aos *devas*); ou apenas uma vez a cada dois ou quatro dias; ou comer apenas nos dias de Lua cheia e Lua nova; ou seguir o regime da Lua (*cāndrāyaṇa*), que consiste em começar por comer quinze bocados no dia da Lua cheia, e reduzir um bocado a cada dia, até a Lua nova (na qual não come nada), aumentando a partir daí um bocado por dia, até a Lua cheia (*idem*, VI.19-20; XI.216); “ou que ele viva apenas de flores e raízes, e de frutos amadurecidos pelo tempo, que caírem espontaneamente, observando estritamente os deveres dos eremitas” (*idem*, VI.21).



À medida que o tempo vai passando, o *vānaprastha* se dedica a austeridades cada vez mais rigorosas:

Que ele role pela terra, ou que ele se mantenha um dia inteiro sobre as pontas dos pés; que ele se levante e se assente alternadamente ; [...] Na estação quente, que ele suporte o calor dos cinco fogos; durante as chuvas, que ele se exponha às águas das nuvens; durante a estação fria, que ele utilize uma roupa úmida, aumentando gradualmente as austeridades. (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.23-24)

O objetivo de tudo isso é adquirir o domínio sobre si próprio (*idem*, VI.1, 4). Após acostumar-se a suportar os piores tipos de sofrimento físico, o eremita se torna indiferente a tudo o que é externo e independente de seu corpo e de sua vida humana. Aos poucos, ele deve se desligar de sua individualidade e penetrar em níveis profundos da realidade, sempre continuando a estudar os ensinamentos sagrados.

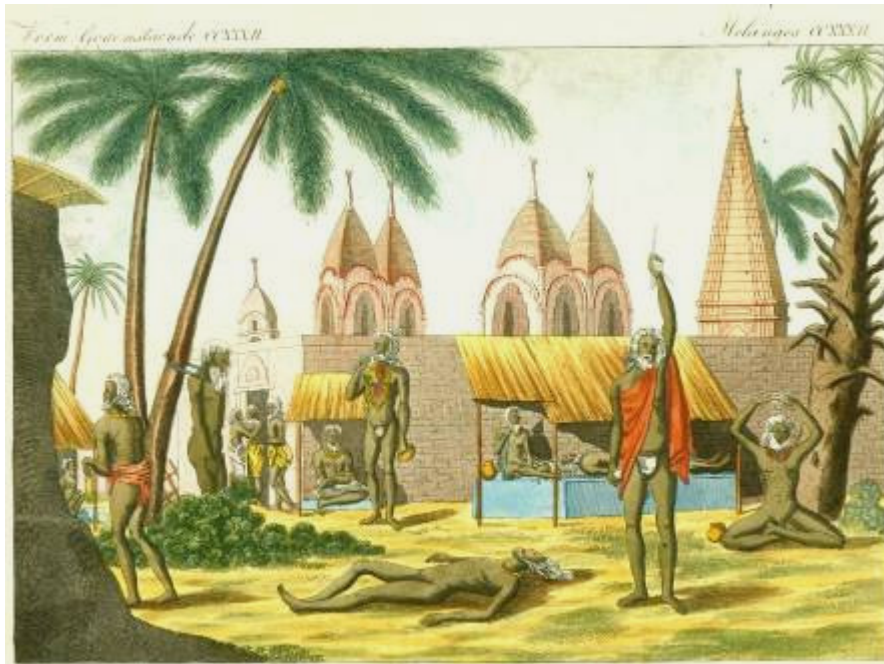


Com o avanço de seu ascetismo, o eremita da floresta deve, depois de algum tempo, deixar de fazer rituais externos para os *devas*, pois ele próprio uniu-se à natureza e ao cosmos, e contém dentro de si todos os *devas*, podendo realizar os sacrifícios dentro de si mesmo (*Mānava-Dharma-Śāstra* IV.22-23). Quando se sente capaz de abandonar os sacrifícios externos aos *devas*, o *vānaprastha* já não precisa mais manter o fogo sagrado, que o acompanhava até aqui.

Então, tendo depositado os fogos sagrados em si próprio, segundo as regras [engolindo as cinzas], que ele já não tenha mais fogos domésticos, nem residência, guardando o silêncio mais absoluto, vivendo de raízes e de frutos. Isento de toda tendência ao prazer dos sentidos, casto como um estudante religioso, tendo por leito a terra, não consultando sua preferência por uma habitação, que ele se abrigue ao pé das grandes árvores. (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.25-26)

É evidente que muitas das pessoas mais idosas que tentavam seguir essa vida deviam adoecer. Nesse caso, o *Código de Manu* recomenda:

Que ele se dirija para a direção invencível [nordeste] e caminhe com um passo seguro, até a dissolução de seu corpo, aspirando à união com o Absoluto, e vivendo apenas de água e de ar. (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.31)



Talvez esse nível de esforço e de austeridade possa ser considerado como impossível por muitas pessoas que leem essa descrição, como se fossem apenas o fruto da imaginação dos autores dos antigos livros indianos. No entanto, os europeus que invadiram a Índia, a partir do século XV, descrevem exercícios ascéticos iguais ou muito mais violentos do que esses, que eram praticados pelos indianos. Não há dúvidas de que existiram, e ainda existem, na Índia, eremitas da floresta que seguem as regras do *Código de Manu*.

O RENUNCIANTE – SAMNYĀSĪ

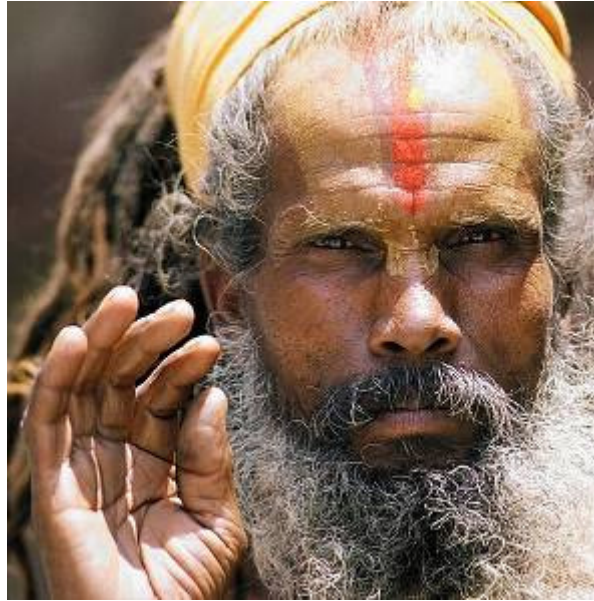
A pessoa que conseguiu atravessar a etapa de *vānaprastha* pode, em seguida, entrar na última fase de vida:

Após passar o terceiro período de sua existência na floresta, como eremita, que ele vagueie pelo mundo durante o quarto período, renunciando completamente a todo tipo de ligações. (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.33)

A pessoa que adota este quarto modo de vida pode ser chamada de *saṁnyāsī* (aquele que renunciou), ou de *yati* (aquele que se dominou), ou *parivrājaka* (aquele que vagueia), ou *bhikṣu* (aquele que mendiga). Esses diversos nomes representam aspectos diferentes, mas complementares daquilo que constitui a vida de um *saṁnyāsī*.

A pessoa que é capaz de entrar no estágio de *saṁnyāsa* é aquela que captou a essência das *upaniṣads*, a quem nenhum ser vivo teme (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.39-40) e que está livre de sua substância mortal (*idem*, VI.41). Ele não teme nada – seja a morte, sejam sofrimentos – pois desligou-se do seu corpo e de sua individualidade. Ele abandona os símbolos básicos do *dvija*, deixando de usar o cordão do sacrifício e cortando seu cabelo, porque já não tem mais conexão com o indivíduo que era antes. Ele parte da floresta, levando apenas alguns poucos objetos, como seu bastão, uma tigela para comida e um cantil (*idem*, VI.41, 52-54).

Ele já não é atraído ou repellido pelo que vê – tudo lhe é indiferente. Ele caminha em silêncio, só, sem qualquer companhia (*idem*, VI.41-42), olhando para o chão, a fim de não ferir qualquer ser vivo (*idem*, VI.46, 52, 68). Vai passando pelas cidades e aldeias e continua, sem ter lugar algum onde chegar. Ele mendiga seu alimento (*idem*, VI.43), uma única vez por dia (*idem*, VI.55), não podendo ganhar seu sustento pela magia, astrologia, nem mesmo pelo ensino religioso (*idem*, VI.50). Alimentar-se é indiferente, como tudo o mais que se refere a este mundo (*idem*, VI.57-60).



Que ele não deseje a morte, que ele não deseje a vida; que ele aguarde o momento que lhe é destinado, como o serviçal aguarda o seu pagamento. (*Mānava-Dharma-Śāstra* VI.45)

O *Código de Manu* enfatiza a necessidade contínua, nessa fase, de meditação sobre as transmigrações, a morte, o *karma*, a velhice, a doença, o sofrimento; e também sobre o Eu supremo (*paramātman*) (*idem*, VI.61-65, 73, 76-78, 82). Sem o conhecimento do Eu supremo, nada é obtido (*idem*, VI.82).

Pela prática correta da vida nesse estágio, pela não-violência, pelo autocontrole, pela reflexão e meditação, o *saṁnyāsī* termina por identificar-se e unir-se ao Absoluto, ainda em vida (*idem*, VI.75, 79-81).

O estágio do *saṁnyāsī* é o mais difícil de ser descrito, pois o essencial dessa etapa não é aquilo que pode ser visto externamente, mas o estado interno, a atitude e o grau de consciência que a pessoa atingiu. A essência do *saṁnyāsī* pode ser vislumbrada, no entanto, através de muitos textos indianos. Quero por isso terminar com um cântico de *Śankarācārya*, sobre o *saṁnyāsī* (*Śankarācārya, Kaupīna-Pañcakam*):

Deliciando-se incessantemente com as palavras do *Vedanta*,
satisfeito com o alimento mendigado,
alegrando-se em seu coração liberto de todo sofrimento,
envolto apenas numa tanta,
sim, envolto em felicidade.
Tendo por casa apenas a raiz de uma árvore,
tendo por prato apenas o oco das mãos,
vendo a riqueza igual à miséria,
envolto apenas numa tanga,
sim, envolto em felicidade.
Não confundindo mais a si próprio com o corpo,
absorto na contemplação de sua própria essência,
ignorando a separação entre o dentro, o fora e o meio ,
envolto apenas numa tanga,
sim, envolto em felicidade.
Perfeitamente satisfeito com a beatitude interna,
satisfeito pelo apaziguamento de todos seus sentidos,
dia e noite unido a *Brahman*,
envolto apenas numa tanga,

sim, envolto em felicidade.

Recitando incessantemente o *mantra* de cinco sílabas [*Om Śivaya namaḥ*]
vendo no seu coração o Senhor dos seres aprisionados,
os ascetas vão para cá e para lá, vivendo de esmolas,
envoltos apenas numa tanga,
sim, envoltos em felicidade.



Texto de Roberto de A. Martins, para o site Shri Yoga Devi
<http://www.yogadevi.org/>